

Islenha

Nº 14 Jan. - Jun. 1994



TEATRO MUNICIPAL

COMPASSO D'ESPERA

Luís de Sousa Mello

Naqueles começos dos anos oitenta do séc. XIX a questão que animava os já sabes e os já ouviste no passeio público, nos clubes e nos escritórios, e aguçava as estocadas políticas, era saber se a Câmara Municipal do Funchal iria finalmente apoiar ou não a construção do edifício do novo teatro. Os ânimos exaltavam-se por vezes: que o município não estava em condições financeiras de meter mãos em tão vultuoso empreendimento, que outras obras de maior interesse público exigiam o empenhamento de todos os recursos públicos — diziam uns; que era uma vergonha para o Funchal, cidade de tanta importância, visitada por tão grande número de estrangeiros, não ter casa de espectáculos condigna e há tanto tempo reclamada — argumentavam outros. Era polémica antiga.

De qualquer modo, a necessidade de entretenimento nos tristes serões de Inverno e nas longas tardes de Estio não era coisa de somenos. Já não se tratava mais de «cavalhadas»: a última fora em 1873, na Praça Académica, e obrigara à construção de bancada e a muitas outras despesas mal cobertas pela receita — desde as fazendas, fitas, feito dos fatos e «refrescos» para os cavaleiros, passando pela armação do «estafermo» e demais bonecos, até à iluminação dos candeeiros e à vigilância nocturna (1). Muito menos ainda de touradas, que a experiência com os bichos ensinara que a amenidade do clima parecia amansá-los, e o divertimento redundara sempre em fiasco: em 1867, por exemplo, os touros tinham saído «mansos bichos esfomeados que se

assustavão ao latir de um cão» (2). Passara tudo a ser muito mais corriqueiro, com os habituais «cosmoramas» de «vistas» surpreendentes com paisagens exóticas, cidades grandiosas e monumentos imponentes; com maravilhosos prestidigitadores de apregoadas habilidades e méritos galardoados: um dizia-se «professor de physica e mechanica», um outro «condecorado com diversas ordens nacionais e estrangeiras»; com os «curiosos» da nossa terra que, nos palcos disponíveis, interpretavam dramas, comédias e «intermédios» para regalo das damas e dos cavalheiros mais enfadados. Em 1879 nascera o **Grémio Literário e Recreativo dos Artistas Funchalenses**, devendo aqui por «artista» entender-se «artífice». Propunha-se alugar, sempre que possível, as facilidades do **Teatro Esperança**, e, quando não, arranjar um pequeno «theatro» ou estrutura de fácil montagem em qualquer salão mais conveniente. Foi iniciativa muito louvada na época. Nesse mesmo ano surgira o **Círco Equestre Funchalense** do empresário Joaquim António Paixão e com direcção artística de António Leandro (3), a que se juntara, pouco depois, a **Companhia Americana Athletas Russos**, vinda de Setúbal, com treze elementos, dos quais, como se previa, nenhum era russo: demoraram-se, com assinalável êxito, até ao ano seguinte, quando partiram para Canárias (4). Da mesma década vinha também o **Círco Gymnastico Funchalense**, construído no local do antigo mercado de S. João e oferecendo «magnificas commodidades aos espectadores» — ficara a dever-se à **Companhia**

ANNUNCIOS

THEATRO ESPERANÇA
SOCIEDADE PROTECTORA DA INFÂNCIA
DESVALIDA

9.º RECITA D'ASSIGNATURA

Sábado 28 de setembro de 1878

A 4.º representação do drama em 4 actos «Gaspar o Serralheiro» original do sr. Baptista Machado, dedicado às classes trabalhadoras.

A 1.º representação da comédia em 1 acto, imitação do sr. Alberto Pimentel «Dispa-se». Entrada às 7 horas e meia. Principia às 8. Os bilhetes acham-se à venda no Theatro, da 2.º feira em diante depois das 5 horas e meia da tarifa.

«A Voz do Povo», Funchal, 28.09.1878.

Japoneza — Non Plus Ultra da Raça Humana (sic) em sociedade «com alguns cavalheiros d'esta terra» (5) e tinha «galeria para senhoras», bancada superior, frisas, camarotes para nove e catorze pessoas, e geral. Era obra! A companhia chegara, em 21 de Junho, no «Conway Castle» proveniente do Cabo da Boa Esperança, era seu director um tal José Ibañez e os restantes membros traziam nomes que também de japonês nada tinham (6). Por fim, já em Janeiro de 1880, juntara-se-lhes a «família equestre» de **Giovanni Angelo Ferroni**, desembarcada do «Luso» no dia 22 (7) e que ia permanecer aqui até o ano seguinte, evidentemente com reforços buscados em Canárias — os **Gastoni** (8). Os espectáculos decorriam para um

público mais ou menos numeroso, pontoados aqui a ali por algum episódio a servir de tema de conversa para dias. Lá de vez em quando, todos os artistas conjugavam actuações e esforços a favor da beneficência e outros fins igualmente meritórios como eram os da **Companhia Edificadora do Teatro Funchalense** (9).

Constituída a 17 de Fevereiro de 1880, era uma resposta cívica ao desacordo de certos grupos de opinião, à passividade da Câmara Municipal do Funchal, e ao alheamento dos deputados pela Ma-

Cabral C. do Amaral, Luís Torquato de Faria Santos, e Eduardo Dias Grande. Pouco depois, a 7 de Março, eram já conhecidos os seus corpos gerentes: tinha, como Directores Efectivos, o **Visconde da Calçada** (Diogo de Ornelas de França Carvalhal Frazão Figueiroa), **Tomás António Gomes, João Bettencourt A. Carvalhal Esmervaldo**; e como substitutos **César A. Mourão Pita (Dr.), João Watts e Pedro de Alcântara Gois** (11).

A ideia não era nova nem original: há anos atrás «um talentoso advogado — o dr. José Leite Monteiro — aventou

por **Eduardo Augusto Soares** do projecto de uma **Empreza Dramatica** comprometendo-se a mandar vir de Lisboa uma companhia para, desde Novembro até Abril de 1882, produzir cinquenta espectáculos «de assinatura», pagável em doze prestações, ficando os assinantes habilitados aos prémios sorteados na Lotaria de Madrid (13). Se a proposta vingou não sabemos, como igualmente desconhecemos se foi ou não da sua responsabilidade a estada no Funchal da **Companhia Dramatica Actores Silva**, que só em 1884 se despediria definitivamente do seu público, de partida para os Açores (14). A sua estreia foi em 25 de Setembro de 1881 e compreendia inicialmente os actores **António Gomes, António da Silva, a «inteligente menina» Cremilde Augusta da Silva Gomes, o «ponto» Joaquim da Silva, José da Silva, Júlia da Silva, Manuel Ricardo da Silva, Matilde Adelaide de Mendonça Nunes, e Pedro Nunes**. A estes, depois de algumas idas e vindas entre Lisboa e o Funchal, juntam-se, em Outubro de 1883, **Adelaide Silva, Guilherme do Carmo Vieira, Júlia dos Santos Pato Moniz, Maria Juliana da Madre de Deus Santos**, estas duas irmãs, e **Júlia Vieira**. Mas desta leva, quem se notabilizou mais tarde como actor de nomeada, tanto no Teatro como no Cinema, foi Nuno Alvares **Pato Moniz** que, com 20 anos de idade, aqui, no **Teatro Esperança**, pisava o palco pela primeira vez no «Alfageme de Santarém» (15). O repertório da companhia era vasto. Além das já conhecidas «Alfageme de Santarém», «A Dama das Camélias», «A Mãe dos Escravos», «Novela em Ação» e «S. Torquato», conseguimos identificar, entre originais e traduções, as seguintes: «O Tio Torquato», (Alfredo Ataíde, 1834-1907), «Os Lazaristas» (António Ennes, 1848-1901), «A Gruta Misteriosa» (António Joaquim Teodoro Mendes Leal, 1831-1871); «Um Homem Político» e «Dar Corda para se Enforcar» (Aristides Abrantes, 1832-1892); «Dois Mundos» (Augusto César de Lacerda, 1829-1903); «O Fidalguinho» e «O Portador d'esta» (Augusto César Ferreira de Mesquita, 1841-1912); «Justiça» e «Abençoadas Lágrimas» (Camilo

CIRCO
GYMNASTICO FUNCHALENSE
 ESTABELECIDO NO MERCADO DE SÃO JOÃO
 NON PLUS ULTRA DA RACA HUMANA
 Domingo 29 de setembro

Os bilhetes acham-se à venda no mesmo circo. Entrada às 8 horas da tarde. Principia às 8.

«A Voz do Povo», Funchal, 28.09.1878.

deira às Cortes. Os seus estatutos, publicados dois dias mais tarde (10), estipulavam, entre outras coisas, que tinha «por fim edificar nesta cidade um theatro em harmonia com o estado de civilisação d'este paiz, realisando assim um importante melhoramento e uma necessidade de há muito reclamada». Para isso, oferecia à subscrição pública 1250 acções nominativas de 20 000 réis cada, pagáveis em prestações mensais de 10 p. c. em troco de cautelas resgatáveis pelos títulos definitivos aquando do pagamento integral. Formavam a comissão instaladora o **Barão da Conceição** (Fortunato Joaquim Figueira), **Joaquim Pedro de Castelbranco, Carlos Bianchi, Tomás António Gomes, Abílio Adriano de Sá, José**

a ideia de, por meio de acções, realizar-se a construção do theatro madeirense. Aberta a subscrição, apenas uma dúzia de pessoas tomarão algumas acções. O snr. Freitas Valle repetiu, ultimamente, o pensamento a tal respeito do snr. dr. Leite Monteiro. A subscrição avultou então mais, mas pediu aquele cavalheiro uma reunião pública para se tratar d'esse assunto, e apenas concorreu limitado numero de pessoas» (12) — assim nos dava a imprensa a genealogia da ideia e seus fracassos. Mas tratava-se agora, além da angariação dos fundos necessários, da resolução do magno problema do local mais apropriado. O que não parecia fácil.

Eis senão quando, a 25 de Março de 1881, surge o anúncio subscrito



Nuno Álvares Pato Moniz in *Diccionario do Theatro Portuguez*, Lisboa, 1908.

Castelo Branco, 1826-1890); «Um par de Mortos» (**Duarte de Sá**, 1823-1874); «Os Sinos de Corneville» e «O Dinheiro...é tudo» (**Eduardo Garrido**, 1842-1912); «Abnegação» e «Um Drama no Mar» (**Ernesto Biester**, 1829-1880); «Odios de Frade» (Francisco Joaquim da **Costa Braga**, 1831-1902); «Os Justos» e «Vingança de Mulher» (Francisco **Rangel de Lima**, 1839-1909); «A Voz do Sangue» e «Almas do Outro Mundo» (**Gervásio Jorge Gonçalves Lobato**, 1850-1895); «A Gata Borracheira» (Joaquim **Augusto de Oliveira**, 1827-1901); «Pedro», «D. António de Portugal», «Pobreza Envergonhada» e «Os Homens de Mármore» (**José da Silva Mendes Leal JR.**, 1820-1886); «Casamento Singular» (**D. José de Almada**, 1826-1861), «Opressão e Liberdade» (José **Eduardo Coelho**, 1835-1889); «O 29» (**José Filipe Ovídio Romano**, 1825-1887); «A Senhora está deitada» (Júlio **César Machado**, 1835-1890); «A Felicidade das Felicidades» (**Luis António de Araújo**, 1833-1908); «A Morgadinha de Valflor» e «As Campainhas» (Manuel Joaquim **Pinheiro Chagas**, 1842-1895); «Os Intrujões» (Pedro Eduardo **Baptista Machado**, 1847-1901); «A Gramática» (Tomás **Lino da Assunção**, 1844-1902). A lista é longa, quase catálogo, e mesmo assim muitos títulos ficaram de fora por falta de mais referência (16). Embora como sempre o público se tivesse

dividido na preferência por este ou aquele actor, a companhia agradou. E tudo isto sempre no palco do **Teatro Esperança**.

Toda a gente estava de acordo: dos locais livres e capazes de suportar a construção de um novo teatro era a cerca do extinto convento de S. Francisco o mais conveniente por estar no centro da cidade. Não admira pois que um dos primeiros passos da Companhia Edificadora fosse o pedir de uma porção daquela área à Câmara Municipal do Funchal, de que era Presidente o **Conde de Carvalhal**, António Leandro da Câmara Leme de Carvalhal Esmeraldo de Atouguia Sá Machado, e Vice-Presidente, Severiano Alberto de Freitas Ferraz. Só que esta não estava na posse plena do terreno, pois era obrigada ao pagamento do foro anual de 84\$375 reis à Fazenda Nacional, a que acrescia o facto da concessão ter tido por finalidade os futuros Tribunal de Justiça e Paços do Concelho, com primeira pedra lançada a 11 de Março de 1866 e até com alicerces erguidos (17). Foi então que, como saída para tão difícil impasse, «alguns camaristas actuaes tive-ram a ideia de ceder para o theatro os ditos alicerces (...) que estavam condenados a ser arrazados, segundo consta, para sobre elles se fazer jardim (...) e divulgando-se no público esta noticia, um grande numero de habitantes d'esta cidade demonstrarão o apoio que davão a esta ideia, dirigindo á Câmara uma representação pedindo para cederem á companhia edificadora do theatro funchalense os ditos alicerces». Assim o fizeram a 30 de Março, «estando mesmo convencidos que um edificio bem construido e de apparencia agradável neste local daria realce ao projecto do

jardim» (18).

A Câmara, respondendo à diligência da Companhia Edificadora, e certamente a esta representação, deliberou a 8 de Abril que se cedesse a parte do terreno da praça Académica que fosse «preciso para a construção d'um theatro, deferindo por esta forma ao requerimento que faz a comissão directora da companhia edificadora do mesmo theatro (...). E que indeferisse a pretenção de concessão de parte da cerca do extinto convento de S. Francisco para a edificação do mesmo theatro visto as condições em que o referido terreno foi concedido a este município.» (19). Mas as coisas não iriam ficar assim: os entusiastas da construção não desistiram e voltam à carga, preparando, na qualidade de «municipes do Funchal todos contribuintes e pela maior parte eletores», numa nova petição pronta a 28 de Abril, em que, a meio de vários considerandos sublinhando a relevância da iniciativa e a excelência do terreno em vista, se apoia a cedência dos tão falados alicerces, «porque consta aos supplicantes que elles se podem

CIRCO EQUESTRE

Quinta feira 5 de fevereiro de 1880.

Grande e apparatosa funcção em que toma parte pela primeira vez nesta cidade, o grande artista chegado ultimamente de Lisboa Mr. Ferroni.

E de esperar que o bondoso e nobre povo funchalense alli vá apreciar o merito d'ezte artista, pois tem grangeado grandes applausos nos principaes circos da Europa,

O Director d'esta companhia esforçar-se-ha para que nesta funcão todos os artistas apresentem os seus melhores trabalhos, a fin de continuar a merecer a mesma protecção e applausos, que até hoje lhe tem dispensado tão bondoso publico.

Preços os do costume.—Entrada ás 7 e meia e começará ás 8.

Tyr. Popular—Rua dos Aranhas n.º 75.

«O Progresso», Funchal, 04.02.1880.

vantajosamente aproveitar para o theatro» (20).

Depois de muita polémica à volta dos prós e dos contras, dos elogios aos «ilustres» e «prestados» cidadãos,

das acusações «invejosas» e denúncias «rancorosas» — o argumento mais forte parece ter sido a triste situação financeira do município — coube finalmente à vereação de 1883, da Presidência de

João Sauvaire da Câmara Vasconcelos, dar os passos decisivos para a concretização do velho sonho: um empréstimo contraído na Companhia Geral de Crédito Predial Português na quantia de sessenta contos vinte dos quais destinados à construção do teatro (21), e o envio de uma «representação» de apoio ao projecto de Lei apresentado pelos deputados, **Dr. Manuel José Vieira** (círculo de Sta. Cruz) e **Luís A. Gonçalves de Freitas** (círculo da Ponta do Sol), na sessão da Câmara de Deputados de 12 de Março desse ano (22). Depois de apreciado nas Comissões de Administração Pública e da Fazenda, o projecto foi aprovado, ficando o Governo autorizado a conceder à Câmara Municipal o domínio directo da cerca do convento de S. Francisco, «na parte onde ultimamente existiu o mercado municipal de S. João», e também a isentar «de direitos de entrada» todo o material destinado à edificação do teatro (23).

A partir daí o processo correu rapidamente e sem acidentes de maior. O Comendador **Franisco Pinto Moreira**, comerciante no Porto e pessoa conceituada na praça do Funchal,

é encarregado de mandar elaborar naquela cidade projecto de arquitetura, e desempenha-se da tarefa a contento — talvez com algum interesse próprio, pois era representante da firma H. Lambert & Ca., de Paris, que fornecerá depois os objectos e artigos decorativos para o embelezamento do teatro. O risco definitivo ficou a dever-se ao engenheiro portuense **José de Macedo de Araújo JR**; tinha, entre outras características, «uma plateia do tipo da do Theatro Scala de Milão», e aportou, são e salvo, na bagagem do nosso comendador e a bordo do vapor «Portugal», a 8 de Agosto de 1883 (24). Pouco faltava para o lançamento da primeira pedra, que veio a acontecer a 24 de Outubro desse ano de 83, com toda a solenidade e a comparência do Prelado, do Governador Civil, Comandante Militar e demais autoridades — acto abrilhantado pelas músicas da banda de Caçadores 12 e das Filarmónicas Artístico-Funchalense e Artístico-Madeirense (25). O aplauso foi geral, mas excepções houve, como o articulista de «A Verdade», que barafustava, dizendo que «no momento em que se clama que não há pão nem trabalho, erguer com o sangue e suor dos pobres um edifício grandioso para divertimento d'uns e desgraça de muitos, não nos parece nem sensato, nem patriótico, nem cristão» (26).

O Teatro Esperança, já propriedade desde 1887 do **Conde de Canavial**, João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, continuou com alguns momentos altos até 28 de Agosto de 1915, quando foi vendido, transformado em depósito de madeiras e depois demolido (27). Com a **Companhia Edificadora** não sabemos o que aconteceu. O certo é que, no ano seguinte, um accionista reclamava se não seria melhor entregar aos subscritores as prestações que haviam pago (28).

Quanto ao Teatro Funchalense, aliás Teatro de D. Maria Pia, aliás **Dr. Manuel Arriaga**, aliás **Baltasar Dias**, tem uma prestigiosa história de mais de um século, que outros certamente contarão.

Porque esta história, que já vai longa, termina imperetrivelmente aqui.

MADEIRENSES

E brilhante a função que hade ter logar quinta-feira proxima, 20 do corrente mez, no circo equestre, a beneficio do novo

THEATRO FUNCHALENSE.

O director desta companhia e todos os seus artistas promettem apresentar neste dia os seus melhores trabalhos, a sim de chamarem a attenção publica para este beneficio, cujo producto será, como todos sabem, applicado a um grande melhoramento para esta cidade.

E reconhecendo-se isto, é de esperar que todos os madeirenses alli corram a auxiliar desta forma uma empresa que de ha muito se tornava de grande necessidade para uma terra tão civilizada como é a Madeira.

ATTENÇÃO

O beneficio que a digna companhia de «Athletas Russos pretende dar ao asylo desta cidade, terá logar no Pavilhão ao campo da Barca, quarta-feira 19 do corrente, pelas horas e preços do costume.

A Comissão Administrativa daquelle pio instituto não faz convites especiaes, porque confia muito nos sentimentos humanitarios da boa sociedade madeirense, que se não recusará a um divertimento tão inocente, que tem por fim exercer a caridade, que é o acto mais sublime da nossa sancta religião. A companhia promette nada deixar que desejar para que o publico saia satisfeito d'aquele surprehendente e útil expectaculo. A todos quantos tomarem parte neste BENEFICIO, as bençãos dos pobres e a gratidão da comissão.

TIP. Popular—Rua dos Aranhas n.º 75.

«O Progresso», Funchal, 18.05.1880.

COSMORAMA

RUA DO PHELPS Nº 17

(PROXIMO A' EGREJA DO CARMO)

GRANDE VARIEDADE DE VISTAS

Chamamos a atenção dos madeirenses para que não deixem de vezitar este estabelecimento, no qual encontrarão a par da decencia e bom gosto com que se acha montado, uma linda e variada collecção de vistas das melhores paizagens do mundo Batalhas, guerras, naufragios, tudo alli aparece o mais vivo que até hoje se tem podido apresentar.

Tão bem encontrarão lindos e bem combinados quadros moventes os quaes raelçam e brilham á vista do espectador.

No mesmo estabelecimento encontrarão um excellente basar, contendo magníficos premios, e o jogo intitulado a «Roda da Fortuna» para recreio dos espectadores.

Preço de entrada com direito a um premio 100 reis, sem elle 50 reis.

Acha-se aberto este estabelecimento ás terças quintas, sabbados e domingos desde dás 7 ás 10 danoite.

Typ. Popular—Rua dos Aranhas n.º 75.

AGRADECIMENTO

A Direcção da Companhia edificadora do theatro Fudchalense agradece a todas as pessoas que de tão boa vontade cooperáram para o bom resultado do beneficio oferecido pela Companhia Equestre na noite de 20 do corrente, á companhia edificadora do Theatro.

Funchal 22 de maio de 1880,

«O Progresso», Funchal, 29.05.1880.

NOTAS

- 1 *A Voz do Povo*, #590, 1873.07.24, p. 3.
- 2 *O Direito*, #388, 1867.08.17, p. 1 (Folhetim).
- 3 Chegado a 18 de Março no vapor «Benguela» e integrado numa lista de 17 passageiros, alguns dos quais, se não todos, fariam parte da companhia. (ADF, *Listas de Passageiros Entrados*, #97, fl. 48/48 vº.).
- 4 ARM, *Passaportes*, Maço #65, proc. #444.
- 5 *Diário do Funchal*, #184, 1878.06.22.95; *A Voz do Povo*, #837, 1878.08.24, p. 4.
- 6 Sob designação genérica de Japonese Troup (ARM, *Lista* (...) #97, fl. 25.). Os nomes individuais são por vezes mencionados nos anúncios da imprensa.
- 7 ARM, *Lista* (...), #98, fl. 130 vº.
- 8 ARM, *idem*, #100, fl. 14.
- 9 *O Progresso*, #29, 1880.05.18, p. 4.
- 10 *Idem*, #20, 1880.02.19, pp. 1, 2, 3.
- 11 *Idem*, #23, 1880.03.17, p. 3.
- 12 *Idem*, #25, 1880.04.08, p. 2.
- 13 *A Voz do Povo*, #972, 1881.03.25, p. 4.
- 14 *O Direito*, #1496, 1884.05.28, p. 2.
- 15 *Diccionario do Theatro Portuguez*, Sousa Bastos, Lisboa 1908, pp. 275/276.
- 16 Servimo-nos do dicionário acima mencionado e da *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*.
- 17 *Gazeta da Madeira*, #7, 1866.03.15, p. 1.
- 18 *O Progresso*, #26, 1880.05.05, p. 2.
- 19 ARM, CMF, *Vereações*, #1381, fl. 203.
- 20 *O Progresso*, #28, 1880, 05.05, pp. 2, 3.
- 21 ARM, CMF, *Vereações*, #1382, fl. 67.
- 22 *O Direito*, #1376, 1883.03.28, p. 2.
- 23 *Idem*, *ibidem*.
- 24 *Idem*, #1395, 1883.08.11, p. 2.; ARM, CMF, *Listas* (...), #102, fl. 6.
- 25 *Idem*, #1415, 1883.10.20, p. 2. Tanto o ano da data pintada num medalhão do tecto do átrio do Teatro, como o da data mencionada no *Elucidário Madeirense*, vol. III, p. 348, como ainda o citado no artigo *Teatros Antigos na Madeira*, de Alberto Artur (D.A.D.H.D.M., #37, p. 85) estão errados.
- 26 *A Verdade*, #435, 1883.11.04, p. 4.
- 27 *Elucidário* (...), *ibidem*.
- 28 *Diário de Notícias*, #2122, 1884.01.06, p. 3.